

**Anna Franceschini**  
TU SEI LA NOTTE**Inauguração: 14 Maio, 22 h**

15 Maio – 12 Junho 2019

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

Há um fantasma de um corpo que vagueia no espaço expositivo. Não conhecemos o seu género, a sua altura ou peso. Na verdade, não sabemos mesmo se é o fantasma de um ser humano. Mas sabemos que *está ali*. Ele passa através dos objetos, animando-os, move-se entre imagens enquanto negocia aparições efémeras, materializando-se em elementos decorativos. Parece paradoxal que a palavra «fantasma» — do grego antigo φάντασμα — tenha a sua raiz etimológica no termo φαντάζω, «fazer aparecer», como se a sua natureza nos dissesse que o espaço da *mise-en-scène* é governado por uma ambiguidade substancial.

A pesquisa e prática artística de Anna Franceschini focaram-se sempre no potencial expressivo deste espaço ambíguo, revelando e exacerbando os paradoxos do *estar em exibição*. Para a exposição TU SEI LA NOTTE, na Galeria Vera Cortês, esta investigação toma a forma de um corpo fantasmagórico que infeta e destabiliza o olhar, questionando a ontologia do objeto e a sua relação com a *mise-en-scène*. Entre a transparência e a opacidade, a experiência de TU SEI LA NOTTE sugere que exposição e ocultação não são tipologias em oposição, mas a condição de cada encenação. Afinal, *estar em exibição* liga fundamentalmente a categoria artística e a categoria mercantil do capitalismo tardio — pelo menos na forma como as entendemos nas sociedades ocidentais. A estética de Franceschini enceta um diálogo íntimo com os produtos anónimos do consumo desenfreado, abraça as suas formas sem autor e partilha o seu destino desprezível e inglório.

No seu painel vídeo *TU SEI LA NOTTE* (2019), três perucas de cores diferentes realizam uma *pole dance* erótica e espasmódica sob uma luz estroboscópica. O filme insiste na textura das perucas e nos resíduos orgânicos sobre elas depositados, uma abordagem quase fetichista que pretende incutir a dúvida de que a hipertrofia das mercadorias talvez não ande ao par do empobrecimento da experiência sensível, mas, pelo contrário, talvez a amplifique e democratize. Como apontaram Gilles Lipovetsky e Jean Serroy, o que define o atual capitalismo do hiperconsumo é uma espécie de criatividade transtética — que não é menos cínica e agressiva do que aquela que caracterizava o primeiro capitalismo — que explora as dimensões estéticas e imaginárias em grande escala com o intuito de gerar lucro.

No entanto, ainda que Franceschini aceda aos objetos através da cultura capitalista, a sua mercadoria não é exibida de acordo com os atributos que o mercado lhe confere, ou respeitando o seu valor utilitário. De facto, eles são desfuncionalizados e o objetivo que lhes foi atribuído na sua produção massificada é contrariado. A artista parece sugerir que a vida das mercadorias não é limitada aos seus processos de produção, distribuição, troca e consumo, mas pode evoluir de formas imprevisíveis. Ela está convencida de que os objetos retêm outros espaços, histórias secretas e possibilidades que nós ignoramos. É precisamente esta terra de ninguém que acolhe a sua prática artística, é deste *terrain vague* que emerge a linguagem de Franceschini. Na verdade, a sua relação com os bens de consumo não é enganosa, mas sempre lúdica e erótica — e aqui podemos identificar tanto a matriz surrealista da sua prática como a influência do «cinema de atração». Desta forma, este registo é o cavalo de Troia que permite a Franceschini abordar o objeto de uma forma que transcende a teleologia modernista e do ecletismo pós-moderno: o casamento com a indústria massificada é a sua entrada lateral para o mundo misterioso das coisas. Nesta terra de ninguém, a artista anima e desencadeia uma crise de identidade no domínio dos bens de consumo, obrigados a viver numa forma que já não corresponde a uma função, com uma alma que já não possui uma correspondência física. Esta crise de identidade reverbera em *TU SEI LA NOTTE* — dentro e fora das imagens em movimento — e invade a decoração do ecrã que recebe o filme, onde três formas andróginas parecem imitar, sem sucesso, a dança das perucas.

Os objetos de Franceschini já não cabem na nossa definição de objeto ou imagem, eles são *objetos-exposição* e *imagens-exposição* cuja condição é de *eterno travestimento*. Pausando para pensar sobre o assunto, podemos compreender que esta é a condição do fantasma, mas também do *ready-made* RHODA DECHORUM, que, quase com orgulho, continua a rodar em frente aos nossos olhos como se nada tivesse acontecido.

Vincenzo Di Rosa  
Maio, 2019

**Anna Franceschini**  
TU SEI LA NOTTE

**Opening: 14 May, 10 pm**  
15 May – 12 June 2019  
Tuesday to Friday: 2–7 pm  
Saturday: 10 am – 1 pm, 2–7 pm

There is the ghost of a body that wanders in the exhibition space. We don't know its gender, nor do we know its height or weight. Indeed, we don't even know if it is the ghost of a human being. But we know that *there is*. It passes through and animates objects, moves between images, navigates the fleeting apparitions, materializes itself within decorative elements. It seems almost paradoxical that the word "ghost" – from the ancient Greek φάντασμα – has its etymological roots in the term φαντάζω, "to show", as if its very nature revealed to us that the space of *mise-en-scène* is governed by a substantial ambiguity.

Anna Franceschini's research and artistic practice have always investigated the expressive potential of this ambiguous space, uncovering and exacerbating the paradoxes of *being on display*. For the exhibition TU SEI LA NOTTE, at Galeria Vera Cortês, this survey takes the shape of a phantasmagoric body that infects and destabilizes the gaze, questioning the ontology of the object and its relationship with the *mise-en-scène*. Between transparency and opacity, the experience of TU SEI LA NOTTE suggests that exposure and concealment are not types in opposition, but rather the condition of each staging. After all, *being on display* fundamentally links the art category – as we know in modern Western society – and the goods category of the late-capitalism. Sure enough, Franceschini's aesthetics is in intimate dialogue with the anonymous products of unbridled consumption, embraces their forms without an author, shares their sordid and inglorious destiny.

In her screen-cum-video *TU SEI LA NOTTE* (2019), three wigs of different colours engage a spasmodic and erotic dance on a pole dance intermittently illuminated by a strobe light. The film insists on the texture of the wigs and on the organic residues they retain, through an almost fetishistic mode that intends to instil the doubt that, perhaps, the hypertrophy of goods does not go hand in hand with impoverishment of the sensible experience, but on the contrary amplifies and democratizes it. As Gilles Lipovetsky and Jean Serroy have pointed out, what defines the current hyperconsumption capitalism is a kind of trans-aesthetic creativity – no less cynical and aggressive than that of early capitalism – which exploits the aesthetic-imaginary dimensions on a generalized scale for generating profit.

However, even if Franceschini access to the object is the same of the capitalist culture her goods are not shown according to the attributes that the market grants them or according to their use value. In fact, they are de-functionalized and the goal assigned by mass production is contradicted. Indeed, the artist seems to suggest that the life of commodities does not end in the processes of production, distribution, exchange, and consumption, but can evolve in unpredictable ways. She is convinced that objects retain further spaces, secret stories, possibilities that we ignore. And it is precisely in this no man's land that her practice is placed, it is from this *terrain vague* that Franceschini's language emerges. As a matter of fact, her relationship with goods is not misleading, but always playful and erotic – in this we find both the surrealist matrix of her practice and the influence of the “cinema of attractions”. Therefore, this register is the Trojan horse that allows Franceschini to access the object beyond modernist teleology and postmodern eclecticism: the alliance with mass industry is her side entrance to the mysterious realm of things. In this no man's land the artist animates and unleashes an identity crisis of the commodities, forced to live in a form that no longer responds to a function, forced to live with a soul that no longer has a physical correspondence. The identity crisis reverberates in *TU SEI LA NOTTE* – inside and outside the moving images – and also invades the decoration of the screen that hosts the film, where three androgynous peeled figures seem to imitate the wigs dance without success.

Franceschini's objects are no longer objects and images as we know, but *display-objects* and *display-images*, whose condition is an eternal *being-in-drag*. If we pause to think about it, we realize that this is the same condition of the ghost, but also the same condition of the ready-made *RHODA DECHORUM*, which, almost proudly, continues to rotate in front of our eyes, as if nothing had ever happened.

Vincenzo Di Rosa  
May, 2019